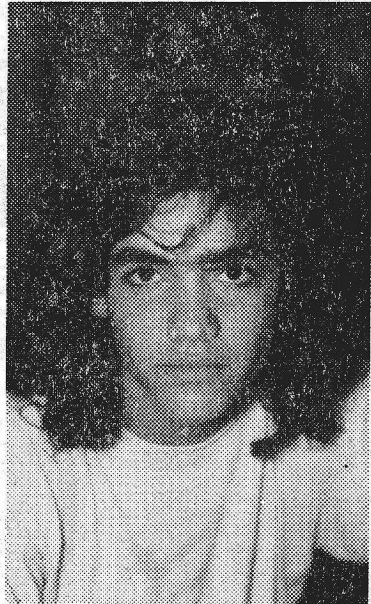




Júlia apóia greve mas quer estudar

"A greve é justa, a reivindicação dos professores, também. Os pais pensam que há intransigência por parte dos professores. Mas quem não quer negociar são os donos de colégios, esses tubarões do ensino que estão se *lixando* para a gente." Sem aulas há 16 dias, *Júlia de Moraes*, 15 anos, aluna do 1º ano do 2º grau do Colégio Santa Rosa de Lima, está revoltada com a falta de aulas e preocupada com o aumento das mensalidades. "Quem vai pagar essa conta são os nossos pais, que estão com os salários congelados pelo Plano Collor", queixou-se Júlia, que foi a todas as assembléias de professores e pediu a palavra na mal organizada reunião de pais de alunos realizada quarta-feira no Planetário da Gávea. Ela defendeu os professores e pediu aos pais compreensão para o movimento deles. "Como um professor pode trabalhar por Cr\$ 100 a hora/aula, ou por um piso salarial de Cr\$ 6.300? E as horas que ele passa em casa corrigindo provas ou preparando trabalhos, quem paga?"



Guilherme entende luta de professor

A opinião de *Guilherme Coelho*, 15 anos, aluno da 8ª série do Colégio Don Quixote, em Jacarepaguá (Zona Oeste), é parecida com a da maior parte dos alunos das escolas particulares. "É chato ficar sem aula mas é por uma causa justa. Afinal, os professores ganham uma miséria". Guilherme critica mães que se queixam da greve porque não tem com quem deixar os filhos. "Elas deveriam estar mais preocupadas em discutir o nível de ensino". Segundo ele, no Colégio Don Quixote, os próprios alunos apoiaram a greve. "Quando alguns professores furaram a greve e foram trabalhar, nós fomos para a porta da escola convencer os colegas a não entrar. E conseguimos", conta Guilherme. Para ele, "donos de colégios estão procurando jogar professores contra alunos quando são eles que não querem negociar. Com os salários congelados na baixa e as mensalidades no pico, adivinha quem vai sair perdendo? Os pais e os alunos, é claro. Inflação zero não existe".



Para Manu, dono de escola não perderá

Para *Manu Barbosa*, 16 anos, aluna da 3ª série do 2º grau do Colégio Rio de Janeiro, na Gávea, na luta entre os três grupos — pais, professores e donos de colégio —, um sairá perdendo. "Espero que, desta vez, sejam os donos dos colégios, que até agora só lucraram", disse Manu. Preocupada com o vestibular de medicina, no fim do ano, ela acrescenta: "Vou sair prejudicada, é claro." Manu acredita que, mesmo com as mensalidades congeladas, os donos de colégios continuarão lucrando: "O Paulo Sampaio, por exemplo, presidente do sindicato dos colégios particulares e dono do Princesa Isabel, é dono da gráfica que imprime as apostilas do colégio, dono da cantina do colégio, só falta ser dono da fábrica de giz. Ora, para ele, tudo dá lucro." Ela acha que os 10% de lucro dos colégios, permitidos pela legislação, chegam na verdade a 50%. E tem uma dúvida: "Não sei como nossos pais vão pagar o aumento das mensalidades. Eles estão com os salários congelados..."



Luiz teme aumento das mensalidades

Luiz Peixoto, 16 anos, aluno da 2ª série do 2º grau do Colégio Imaculada Conceição, em Botafogo, está vibrando com a greve dos professores. Segundo Luiz, "esse é o primeiro movimento dos trabalhadores contra o Plano Collor que inventou a inflação zero". Ele acha que chegou a hora da união de pais, alunos e professores, para evitar que o reajuste dos salários seja repassado para as mensalidades. "Há muito tempo os patrões vêm ganhando com esse repasse. Chegou a vez de os professores e dos pais ganharem. Afinal, ensino não é mercadoria, mas investimento no futuro do país", afirma Luiz, que defende o ensino público e gratuito. Ele fez as contas e concluiu: "Uma escola com 3 mil alunos e 50 professores, pagando um piso de Cr\$ 20 mil, bem acima do atual, que é de Cr\$ 6.300, gastaria com pessoal apenas 42% do que arrecada. E os donos dessa escola repassam para as mensalidades até 70% do que gastam com o pessoal."



Renata pede mais ação do governo

Renata Amato, 17 anos, ativa integrante do grêmio do Centro Educacional Anísio Teixeira (Ceat), em Santa Teresa, não entende como o governo estadual ou federal não intervêm na questão dos colégios particulares. "Os donos de colégio demonstram que não dão a menor bola para a educação. Querem arrastar a discussão salarial para o Tribunal Reegional do Trabalho que, no máximo, vai dizer se a greve é ou não abusiva. Por que o governo não se interessa em saber porque demora a negociação de patrões com professores?" Renata, aluna do 3º ano do 2º grau, está preocupada com o vestibular e também com o isolamento da luta dos professores. "Eles entram na greve sozinhos, a maioria, pela própria estrutura das escolas particulares, que não permitem o debate com pais e alunos. Espero que essa greve chame a atenção dos pais para os problemas da educação e que eles, em vez de ficarem com raiva dos professores, cobrem dos donos de colégio maior cuidado com o ensino".